

Três questões

Há alguns meses, fui convidado a assistir a um colóquio subordinado ao tema "Eficiência e Justiça em cuidados de saúde". Nele participavam destacados elementos duma *intelligentsia* que ultimamente se têm desdobrado em múltiplas e imaginativas propostas para reformar um sistema de saúde gasto, bloqueado e sem criatividade. No período reservado ao debate, pareceu-me oportuno levantar três questões, que vou agora tentar reproduzir de cor, com alguns acrescentos.

Primeira questão. Nos últimos anos tenho assistido a muitas e concorridas reuniões em que se discutem problemas relacionados com a Saúde. Os participantes são, na esmagadora maioria, administradores, economistas, políticos e licenciados em Medicina sem experiência clínica. Os clínicos, esses, ou não aparecem ou nem sequer são convidados. Ocupados a diagnosticar e a tratar doenças, ou são marginalizados ou acabam por se auto-marginalizar.

Mas pergunta-se: será possível fazer reformas, definir orientações, ou tomar decisões, numa área como esta, sem a participação daqueles que no terreno conhecem os verdadeiros problemas da saúde e da doença? Será aconselhável ignorar a opinião dos que vivem diariamente as incertezas e as angústias da prática clínica? Ninguém desconhece que as decisões finais terão que ser, como eufemisticamente se diz agora, politicamente correctas. Mas faltar-lhes-à espessura e consistência se nelas não for incorporada a experiência daqueles que lidam de perto com os doentes que são afinal os verdadeiros destinatários de qualquer sistema de saúde.

Acontece que, nas últimas décadas, a Medicina sofreu uma contaminação de cabeças bem pensantes, a que não faltam leituras e conhecimentos do que se passa "lá fora". Os resultados estão à vista: apoiados numa retórica empolada de trivialidades, procuram aplicar, cá dentro, soluções dominadas por uma tonalidade burocrática e administrativa, mas desligadas das realidades concretas. Não admira por isso que a Saúde, em Portugal, esteja como está.

Segunda questão. Falar de Qualidade em Medicina não é a mesma coisa para toda a gente. Políticos, economistas e gestores atribuem à palavra significados diferentes. Os médicos, evidentemente, não fogem à regra: para eles qualidade é igual a rigor no diagnóstico e precisão na terapêutica.

Devo confessar que foi esta a minha abordagem inicial do problema; mas leituras posteriores obrigaram-me a temperar uma visão que era claramente limitada e médico-cêntrica, para a substituir por outra mais alargada e abrangente em que fossem ponderados aspectos como acessibilidade, satisfação dos doentes e relação custo-benefício.

A verdade é que esta área foi inicialmente ocupada por pessoas sem experiência clínica que, face a um estranho alheamento da classe médica e das próprias Faculdades, encontraram neste vazio que lhes era oferecido, terreno propício para montarem o seu espectáculo. Os clínicos, mais uma vez, mantiveram-se



distantes: não da qualidade, que foi desde sempre uma preocupação muito sua, mas do conhecimento de uma disciplina com novos métodos e novo vocabulário. Como era inevitável assistiu-se então a uma forte deslocação do problema, com valorização excessiva de aspectos subjectivos, logísticos e administrativos, esquecendo-se que, para poder falar em Qualidade, são necessários, antes de mais nada, médicos competentes e qualificados. Acessibilidade, satisfação, eficiência? Concerteza. Mas tudo isto com diagnósticos errados e decisões terapêuticas inadequadas, seria o mesmo que um avião com lindas hospedeiras, saborosas refeições e ambiente pressurizado, entregue a um piloto inexperiente e descuidado. Não, obrigado!

Terceira questão. As listas de espera transformaram-se ultimamente numa das manchetes da luta partidária e tiveram até honras de cartazes gigantes durante a última campanha eleitoral. A política é assim mesmo e não há volta a dar-lhe. Mas face aos vastos problemas da saúde portuguesa, tudo isto não deixa de ser ridículo. O que é certo é que a mensagem passou e o governo actual, que pouco diferente será do que foi o anterior, já prometeu apaixonar-se pela Saúde, abrir os cordões à bolsa e acabar com as listas de espera. Se necessário contratará privados e, se for caso disso, até mandará vir espanhóis. No concreto, já se mostrou disponível para recorrer àquilo que se chama o pagamento à peça, fazendo publicar uma portaria em que se cria um "Programa para a promoção do Acesso" em que se prevêem suplementos remuneratórios. Claro que, perante o bodo aos pobres que já se adivinha, muitos potenciais contemplados estarão já a disputar a "pole-position".

E a Medicina Interna? Aí não há listas de espera. Só serviços de urgência a abarrotar de doentes que não encontram outro sítio aonde ir ("consulta? só pró mês que vem"), e serviços com macas nos corredores e taxas de ocupação superior a 100%, por culpa de serviços sociais que não funcionam e de hospitais de rectaguarda que não existem. Perante este cenário, os internistas ocupam o lu-

gar de parentes pobres do sistema, que é como quem diz, sujeitam-se a fazer figura de parvos. Mas terá que ser assim?

Possuidores de sólidos conhecimentos em ciências básicas e treinados como ninguém na semiologia clínica, é a eles que deveria competir o exercício de uma Medicina global, eficaz e humanizada, capaz de dar solução a muitos dos problemas com que se debatem os nossos hospitais. O dilema que se lhes coloca é, por isso, muito simples: ou são capazes de reconquistar o lugar de líderes de opinião, voltando a ocupar uma posição de charneira entre as várias especialidades ou, condenados a um papel de acto-

res secundários em que lhes cabe disfarçar todas as insuficiências do sistema, tentarão esquecer as suas frustrações, a discutir os insondáveis mistérios do endotélio vascular ou o sexo dos anjos, que é como quem diz, o papel da Medicina Interna nos tempos de hoje. Se a escolha for esta, já aqui não está quem falou e limitar-me-ei a recordar os versos do Alexandre O'Neill que rezam assim:

*Que miséria meus filhos! Tão sem jeito
é esta videirunha à portuguesa,
que às vezes me soergo na cama
e vejo entrar quarta invasão francesa.*



Barros Veloso